

# ORDEM ESPONTÂNEA DO CAOS?

Globalização, terrorismo e crime organizado.

Por Jorge Troper



**O** desenvolvimento tecnológico e econômico, os fluxos migratórios, a rapidez, eficiência e baixo custo dos transportes, as integrações comerciais, entre outros aspectos que caracterizam a chamada “globalização”, abriram novas oportunidades para indivíduos e empresas. Contudo, grupos criminais e terroristas têm aproveitado bastante toda essa nova gama de possibilidades em seus empreendimentos. A partir dos anos 90 diversos grupos armados encontram possibilidades de lucro jamais visto anteriormente. A indústria da lavagem de dinheiro, com suas conexões com empresas legais e setores corruptos da sociedade, juntamente com a crescente colaboração entre máfias internacionais e grupos terroristas são também características desse nosso “novo” mundo globalizado.

## I. Globalização e Tecnologia: “oportunidade para todos”

“Penso que só há um caminho para a ciência ou para a filosofia: encontrar um problema, ver sua beleza e apaixonarmo-nos por ele; casar e viver feliz com ele até que a morte nos separe – a não ser que encontremos um problema ainda mais fascinante, ou evidentemente, a não ser que obtenhamos uma solução. Mas, mesmo que obtenhamos uma solução, poderemos então descobrir, para nosso deleite, a existência de toda uma família de problemas filhos, encantadores ainda que talvez difíceis e para cujo bem-estar poderemos trabalhar, com um sentido, até o fim de nossas vidas” (Karl R. Popper).

O espantoso desenvolvimento tecnológico, a liberalização de mercados e a integração econômica, o setor financeiro desregulado, os fluxos migratórios, o comércio eletrônico, a disponibilidade quase que ilimitada de informações, a rapidez, eficiência e o relativo baixo custo dos transportes, entre outros aspectos, geram grandes oportunidades de negócio e desenvolvimento para indivíduos, empresas e governos. Entretanto, não só para eles.

Como escreveu Thomas Friedman, “qualquer que seja a inovação, sempre há quem encontre um meio de abusar dela”<sup>1</sup>. Essas inovações, contudo, criam oportunidades novas, o que não quer dizer que o seu uso será feito em benefício próprio ou da humanidade. Tecnologia é apenas tecnologia. Alguém pode usar um celular para se comunicar, para colar em prova ou, como no Sudão, para espalhar um boato que se algum infiel apertasse a mão de um homem, este perderia a virilidade. “É possível alguém ter um telefone celular e mesmo assim acreditar que um aperto de mão de um estrangeiro pode torná-lo impotente?”<sup>2</sup>.

Um avião pode ser útil para irmos a novos lugares, para aprendermos uma nova língua, para descansarmos, para vermos entes queridos. Contudo, ele pode servir como um míssil para ser arremessado em um edifício. Novas tecnologias geram novas capacidades que podem criar novas intenções<sup>3</sup>. Desta

<sup>1</sup> FRIEDMAN, Thomas. O Mundo é Plano: Uma breve história do século XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. P.346.

<sup>2</sup> Idem, p. 347-348.

<sup>3</sup> Idem, p 348.

maneira, a chamada globalização apresentou novas possibilidades para empresas legais e para organizações ilegais, criminosas e terroristas<sup>4</sup>.

## 2. O Fim da Guerra Fria, a Tecnologia e as Novas Oportunidades de Negócios Ilícitos Globais

Um acontecimento importante da história, freqüentemente citado como fundamental para a aceleração do processo de globalização foi o fim da Guerra Fria. Finda a “ordem dos Pactos Militares”, como a definiu o Prof. Adriano Moreira<sup>5</sup>, observamos um grande declínio no financiamento de grupos terroristas que atuavam em guerras de procuração patrocinadas pelas duas grandes potências da época: EUA e URSS.

Diversos grupos deixaram de existir porque simplesmente não conseguiram se adaptar ao novo cenário, enquanto que outros fizeram uma transição de modelo, buscando novas fontes financeiras. Jeanne Giraldo e Harold Trinkunas argumentam que o novo terrorismo<sup>6</sup>, que ataca indiscriminadamente, procurando maximizar as vítimas, é uma resposta aos constrangimentos decrescentes sobre seus comportamentos, e isto se deve ao fato de que mudanças ocorreram nas bases financeiras destas organizações<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> Consideraremos organizações terroristas os grupos motivados por ideologia, religião ou etnia que usam a violência contra não combatentes para atingir um objetivo político. Neste sentido, não concordamos com o paradigma “o terrorista de um é o lutador da liberdade de outro”. Se isto fosse verdade, não poderíamos nunca mais aplicar uma lei sequer. Como afirmou o filósofo Leo Strauss, se todos os valores são relativos, então o canibalismo é questão de gosto.

<sup>5</sup> MOREIRA, Adriano. Teoria das Relações Internacionais. 4ª Ed. Coimbra, Almedina, 2002. P. 189.

<sup>6</sup> Sobre o novo terrorismo, há uma literatura imensa a respeito. Boa parte dela liga o fenômeno ao papel da religião. Para saber mais sobre o assunto, recomendo as seguintes obras: “Inside Terrorism”, de Bruce Hoffman; “Terrorismo”, editado pelo Prof. Adriano Moreira (obra de referência em português); “Terrorismo e Relações Internacionais”, vários autores, publicado pela Gradiva e Fundação Calouste Gulbenkian. Há ainda diversas obras dos autores Gilles Kepel e Walter Laqueur.

<sup>7</sup> GIRALDO, Jeanne & TRINKUNAS, Harold. The Political Economy of Terrorism Financing. In: GIRALDO, Jeanne & TRINKUNAS, Harold. (Eds). Terrorism Financing and state responses: a comparative perspective. Stanford: Stanford University Press, 2007. P.7-9.



Segundo os autores, o que há de novo - e não apenas para grupos religiosamente motivados - é a diversificação das fontes de financiamento e o declínio da importância do apoio estatal e popular neste sentido. A aceleração da globalização, juntamente com um aparente aumento da má governança, estados falidos e áreas não governadas criou diversas oportunidades para empreendimentos ilícitos<sup>8</sup>.

Quando um estado ou uma determinada população, desde que sejam menos radicais que os grupos, são as maiores fontes de financiamento, as organizações terroristas encaram alguns constrangimentos em relação ao seu comportamento – pois existem certas práticas que podem ser consideradas inaceitáveis ou contra os interesses do patrocinador.

Atualmente, estas organizações aproveitam a disponibilidade dos serviços financeiros globais, da movimentação de pessoas e da facilidade de comunicação em benefício próprio. “Enquanto que as fontes de receita eram limitadas nos anos 60, 70 – o crescente nível de integração global, a partir dos anos 80 criou enormes possibilidades de derivação de fundos através do crime, como também comunidades de emigrantes”<sup>9</sup>.

Portanto, hoje em dia, boa parte das organizações terroristas explora fontes de receita que não precisam da simpatia ou do consentimento do provedor de recursos. De fato, John Picarelli e Louise Shelley reforçam essa visão ao afirmar que atividades criminais podem apresentar mercados quase ilimitados para empreendedores ilícitos<sup>10</sup>.

Desde o 11/09, grupos inspirados na Al-Qaeda têm sido responsáveis por quatro vezes mais ataques por ano que a própria rede original de Bin Laden. Loreta Napoleoni argumenta que a Guerra do Iraque, o surgimento do mito Al Zarquawi e o impacto dos atentados de Nova Iorque causaram uma metamorfose. A Al-Qaeda, anteriormente uma organização hierárquica, altamente integrada, de

tamanho relativamente pequeno e transnacional, deu lugar, após as guerras no Oriente Médio e as pressões exercidas pelas táticas de contra-terrorismo, a uma rede descentralizada, frouxamente conectada e frequentemente auto-suficiente em termos financeiros. Sai de cena a organização como conhecíamos e aparece uma ideologia que liga esses grupos: o “Al-Qaedaismo”<sup>11</sup>.

Esta transformação a que nos referimos e todas as conveniências oriundas da globalização causaram um impacto nos custos dos ataques: eles caíram. Enquanto que o atentado de Nova Iorque custou 500 mil dólares, o ataque de Madrid custou apenas 10 mil e o de Londres, menos que 8 mil. Anteriormente, os custos dos atentados eram maiores, pois não podemos esquecer os custos fixos de salários, campos de treinamento e manutenção de uma organização como a Al-Qaeda. Hoje, contudo, pessoas através da internet podem acessar espaços virtuais seguros que conseguem reproduzir treinamentos – sem ser primordial um curso presencial no Afeganistão.

Ora, como a nova estrutura organizacional destes grupos se transformou, houve uma queda considerável nos custos fixos, bem como nas variáveis por conta da facilidade de se obter informações, materiais e recursos humanos, entre outros, neste mundo altamente integrado. Interessantemente, o mesmo não se pode dizer dos custos dos EUA em sua guerra ao terrorismo<sup>12</sup>.

Por conta da queda nos custos e do aumento das possibilidades de receita, é mais fácil para um grupo simpático às idéias de Bin Laden se financiar através do crime organizado e empreender seus próprios ataques do que conseguir entrar em contato com a Al-Qaeda para pedir dinheiro.

Claramente, este empreendedorismo terrorista não poderia ocorrer, pelo menos nestes termos, se não contasse com a ajuda das novas tecnologias. O mundo virtual é um campo de trabalho extraordinário para

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem, p. 11.

<sup>10</sup> PICARELLI, John & SHELLEY, Louise. Organized Crime and Terrorism. In: GIRALDO, Jeanne & TRINKUNAS, Harold. (Eds). P.45.

<sup>11</sup> NAPOLEONI, Loreta. The Evolution of Terrorism Financing Since 9/11: How the New Generation of Jihadists Fund Themselves. In: COSTIGAN, Sean. S, & GOLD, David (Eds). Terroronomics. Hampshire: Ashgate, 2007. P. 18-19.

<sup>12</sup> Idem, p. 21.

terroristas e criminosos. A cooperação internacional é insuficiente e as leis e a atuação dos órgãos responsáveis nesta matéria são limitadíssimas. O que resulta é a relativa impunidade. Exatamente por este motivo, é possível transmitir idéias e técnicas através de campos de treinamento virtuais que tentam compensar a perda dos campos reais no Afeganistão e em outros países<sup>13</sup>.

Em inúmeros locais na rede de computadores, jovens programadores têm procurado recriar as estruturas de planejamento, comunicação e treinamento que foram perdidas no país do talibã. Como aponta um estudo da Rand Corporation, os grupos que sobreviverão em um ambiente altamente mutável são aqueles que possuem capacidades extraordinárias de adaptação, o que exige um constante aprendizado. O impacto das inovações tecnológicas na aprendizagem organizacional já é bem conhecido no mundo empresarial, mas o caso relatado anteriormente demonstra como essas empresas do terror possuem uma capacidade de “organizational learning” fora do comum, até porque ou elas se adaptam ou morrem<sup>14</sup>.

Através de programas simples de encriptação, que podem ser baixados facilmente da internet, grupos conseguem se comunicar em ambientes seguros, como também criam “virtual safe houses”<sup>15</sup> que são difíceis de detectar. Como apontou o antigo diretor do FBI Louis Freeh, “encriptações inquebráveis permitem que membros da Al-Qaeda comuniquem suas intenções criminais sem medo de intrusões externas”<sup>16</sup>.

O próprio livre comércio pode facilitar a ocorrência deste fenômeno. Embora ainda hoje exista toda uma discussão sobre a relação entre o comércio e a paz, há alguns indícios de que o comércio pode expor os estados a algumas ameaças. Katherine Barbieri e

Swapna Pathak apontam pelo menos três pontos neste sentido: 1) O livre comércio pode gerar “motivações” por conta das diferentes percepções de benefício e justiça que ainda encontramos; 2) A facilidade na aquisição de fundos e instrumentos necessários para os empreendimentos; 3) As Fronteiras “abertas” que são requeridas pelo sistema de livre comércio<sup>17</sup>.

### 3. Terrorismo e Crime Organizado: a exploração de redes de relacionamentos benéficos

A movimentação de bens é cada vez mais intensa, mas não apenas produtos desejáveis entram em diversos estados. Alguns indesejáveis, como os narcóticos, estão cada vez mais presentes no mercado mundial. Além de todos inconvenientes que conhecemos, a droga possui outro: é hoje a maior fonte de renda para diversos grupos terroristas. Outras importantes fontes de financiamento englobam: Governos (ex: Irã, Síria, Arábia Saudita e Autoridade Palestina), organizações de “caridade”, empresas legítimas operando de fachada, exploração de mercados financeiros, especialmente o mercado de commodities desregulado, comércio internacional de ouro e diamantes, e até bolsas de valores.

Em relação às atividades criminais que servem para captar recursos, temos como exemplo as seguintes: extorsão e redes de proteção<sup>18</sup>, contrabando, seqüestro, prostituição e tráfico de seres humanos, fraude em cartões de crédito, roubo de identidades e documentos em geral, falsificações de moedas, cigarros e produtos farmacêuticos, pirataria de vídeos, CDs, DVDs, fitas e softwares, apenas para citar alguns<sup>19</sup>.

Sobre o problema da droga, conforme notou John

<sup>13</sup> COSTIGAN, Sean. S. Terrorists and the Internet: Crashing or Cashing In? In: COSTIGAN, Sean. S. & GOLD, David (Eds). *Terroronomics*. P. 114.

<sup>14</sup> Para mais sobre o processo de aprendizagem organizacional em grupos terroristas, ver os estudos da RAND Corporation: *Aptitude for destruction: organizational learning in terrorist groups and its implications for combating terrorism*; *Aptitude for destruction vol. 2: Case studies in organizational learning in five terrorist groups*.

<sup>15</sup> Casas virtuais seguras.

<sup>16</sup> Citado por Costigan, p. 119.

<sup>17</sup> BARBIERI, Katherine & PATHAK, Swapna. Free Trade and Terrorism. In: COSTIGAN, Sean. S. & GOLD, David (Eds). *Terroronomics*. P. 146.

<sup>18</sup> No Peru e na Colômbia as Farc e o Sendero Luminoso cobram taxas de proteção. Troca-se proteção dada por esses grupos armados por “impostos”. As Farc, hoje em dia, já estabeleceram seu próprio cartel de drogas.

<sup>19</sup> EHRENFELD, Rachel. Funding Evil: How terrorism is financed and the nexus of the terrorism and criminal organizations. In: COSTIGAN, Sean. S. & GOLD, David (Eds). *Terroronomics*. P. 28.

Aschroft, antigo Procurador Geral dos EUA, “terrorismo e drogas caminham juntos como o rato e a peste bubônica. Eles florescem nas mesmas condições, apóiam-se mutuamente e alimentam um ao outro<sup>20</sup>”. O relacionamento entre drogas e terrorismo não é novo, conforme mostra o exemplo das FARC, do Sendero Luminoso e da papoula que financiava os Mujahedin no Afeganistão. Hoje, as pequenas células terroristas auto-sustentáveis estão cada vez mais ligadas às máfias da droga. Além da oportunidade de lucro, outros fatores como a geografia, a política, a procura por armas e táticas, são importantes para compreendermos como se criam relacionamentos mutuamente benéficos entre estes distintos organismos<sup>21</sup>.

O envolvimento de grupos terroristas com as drogas está crescendo de tal maneira que as alianças se intensificam cada vez mais, como demonstra o caso do Afeganistão. Atualmente, este país responde por 90% do suprimento mundial de heroína, e segundo um recente relatório das Nações Unidas, a produção aumentou em 60%. Embora diversas entidades possuam estimativas diferentes, é certo que a contribuição da heroína para o GDP afegão ultrapassa facilmente os 33%<sup>22</sup>.

A proliferação do crime, droga e terrorismo pelo mundo é dramática. Para se ter uma idéia do que pode fazer o crime organizado, basta olhar para a situação de países da antiga URSS: de todos os empreendimentos privados da região, grupos de crime organizado controlam quase 40% deles, fora o controle de 60% dos negócios estatais e, pasmem, 90% dos bancos<sup>23</sup>.

Na Itália, de acordo com um recente relatório, o crime organizado responde por 7% de todo o produto interno bruto do país – o que lhe confere a posição de maior segmento da economia italiana, com uma receita de cerca de US\$ 127 bilhões. Em Catania e em Palermo, cerca de 80% do comércio paga taxa de

proteção<sup>24</sup>.

## 4. O Paraíso Econômico do Caos: estados falidos e a formação de “state-shells”

Essa verdadeira economia do caos que vai se desenvolvendo é mais visível em regiões em que a acadêmica Loreta Napoleoni identifica como “state-shells”. Nestes locais, proliferam-se atividades de grupos terroristas, criminais, narcotraficantes ou mesmo grupos em que não dá para identificar mais se são terroristas ou simplesmente bandidos, como o grupo “Abu Sayyaf” nas Filipinas.

Das nove características de um estado moderno de acordo com o Prof. Christopher Pierson, um “state-shell” possui as seguintes características: territorialidade, monopólio dos meios de violência, sistema de taxaço e burocracia pública. Nessas áreas ocorre uma substituição de parte das tarefas do estado, que passam a ser executadas e controladas por alguma entidade em busca de seus objetivos. O sul do Líbano é um exemplo de um “state-shell” controlado pelo Hezbollah, enquanto que a área conhecida como “despejo” na Colômbia é controlada pelas FARC.

Napoleoni argumenta que com a proliferação de estados falidos ou em processo de falência, os grupos aumentam a base de recursos e capacidade de recrutamento, criando maiores dificuldades para os governos, pois todas essas atividades da economia do terror tendem a corromper e enfraquecer as instituições sociais e políticas de um estado, caso ainda existam. Ainda segundo a autora, qualquer tipo de estado fraco pode oferecer um campo potencial para a instalação de grupos armados. Um Estado falido não é melhor que um estado em processo de falência ou o que denomina de “brown areas”<sup>25</sup>.

<sup>20</sup> Citado por Ehrenfeld, p.29.

<sup>21</sup> EHRENFELD, Rachel. P.29.

<sup>22</sup> Idem, p.32.

A Cia estima em 33%, o FMI em 38% e a USAID chega até os 60%.

<sup>23</sup> ROBINSON, Jeffrey. The Merger: the conglomeration of international organized crime. New York: The Overlook Press, 2000. P.17.

<sup>24</sup> “Crime organizado é o maior segmento da economia italiana, diz relatório”. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL155263-5602,00.html>>. Acesso em 23 de out. 2007.

<sup>25</sup> NAPOLEONI, Loreta. Terror Incorporated: tracing the dollars behind the terror networks. Nova Iorque: Seven Stories Press, 2005. “Brown areas” são áreas dentro de um estado onde a autoridade não está presente. São “failed areas”. Sri Lanka, Paquistão, Peru e a Colômbia são países que possuem “brown areas” e que não são estados falidos. Ver Napoleoni (2005), páginas 143-144.



Com a transformação do que era a Al-Qaeda, diversos grupos incubam-se dentro de estados fracos - transformando-os em “state-shells”. Uma vez que isso é feito, passam a ter ligações com outros grupos terroristas e criminais<sup>26</sup>. “O que o mundo está encarando é uma conglomeração ativa de grupos transnacionais, colônias do terror por toda a parte”, aponta a autora<sup>27</sup>.

## 5. Empresas de Fachada, Paraísos Fiscais e Lavagem de Dinheiro: portas abertas para a economia legal

Um outro aspecto deste trágico cenário que não pode ser esquecido é que esta economia do caos penetra nosso sistema econômico. Empresas de fachada que podem ou não oferecer produtos são utilizadas em todo o mundo para lavar dinheiro. Nos EUA, por exemplo, uma empresa de software chamada Ptech é suspeita de ter enviado milhões para grupos terroristas através da Muwafaq Foundation, uma organização caritativa saudita. O pior é que entre os clientes desta empresa estavam agências como o FBI, FAA, USAir Force, US Naval Air Systems Command, e a OTAN<sup>28</sup>. Os casos das empresas de Bin Laden no Sudão já são demasiadamente conhecidos, mas o saudita diversificou seus negócios, sendo um dos maiores produtores de mel do Oriente Médio<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> Idem, p.96.

Surpreendentemente, grupos ligados ao movimento jihadista global têm justificado, com idéias de intelectuais muçulmanos até mesmo a prática de atividades ligadas ao crime organizado. Ali Benhadj, do GIA, citou Ibn Tayamiyya – um intelectual do séc. XIII – que autorizava a captura da propriedade do inimigo durante a Jihad. Benhadj declarou uma fatwa permitindo “robbery against the miscreants and the apostate state”. Nasredine El Eulmi, da Jihad argelina, autorizou o uso e venda de drogas durante a jihad. O Takfir explicitamente encoraja roubos e tráfico de drogas desde que 1/5 dos ganhos sejam usados para financiar a causa islamita. Deve-se apontar que qualquer pessoa com mínimos conhecimentos da religião islâmica sabe perfeitamente que estas “fatwas” são deturpações dos reais significados de tais atos no islamismo.

<sup>27</sup> NAPOLEONI, Loretta. *Terror Incorporated: tracing the dollars behind the terror networks*. Nova Iorque: Seven Stories Press, 2005. P. 153.

<sup>28</sup> EHRENFELD, Rachel. *Funding Evil: how terrorism is financed – and how to stop it*. Chicago: Bonus Books, 2005. P. 18.

<sup>29</sup> Ver o caso de como a OLP conseguiu independência financeira operando nos dois mundos econômicos: Napoleoni (2005), págs 65-81; Para o “Balanço de Pagamentos” desses grupos consultar as págs. 171-183

Combater a lavagem de dinheiro em todo o mundo é uma necessidade urgente. No entanto, esta tarefa é hoje ainda mais complicada, pois é possível que essas organizações possuam seus próprios bancos. Em mais de 60 países mundo afora, existem serviços financeiros não rastreáveis. Em paraísos fiscais, como Nauru, é possível encontrar mais de 400 “shell-banks”. Nas Ilhas Seychelles, o “investidor” conta até com imunidade contra processos por todos os crimes cometidos fora de seu território. Apesar do Patriot Act americano ter obrigado as instituições financeiras a não transacionar com empresas suspeitas oriundas desses paraísos fiscais, ainda assim é possível lavar dinheiro na internet de diversas formas.

A cooperação internacional necessária para combater este problema é para lá de tímida. Apesar da ONU ter colocado a organização caritativa Al Haramain em sua lista negra, ela ainda operava em 2002 em cerca de treze países. Desses, apenas dois reportaram que seus ativos tinham sido congelados. Outro caso emblemático é o do BIF – Benevolence International Foundation. Peter Lilley relata que em novembro de 2002 a ONU adicionou o BIF a sua lista, porém, em 2004 apenas quatro países enviaram relatórios para as Nações Unidas, informando que haviam sido congelados fundos ligados a esta instituição, enquanto que 13 países sequer fizeram alguma menção sobre o assunto em seus relatórios<sup>30</sup>.

Lilley lembra que além dos problemas de cooperação, os órgãos responsáveis por lavagem de dinheiro frequentemente encaram falta de recursos humanos, físicos e financeiros<sup>31</sup>. Esses fatores explicam, pelo menos em parte, o insuficiente resultado obtido no congelamento de ativos terroristas no mundo inteiro. As estimativas variam de acordo com o autor e do ano analisado, contudo, menos de 200 milhões em ativos congelados parecem ser um número razoável<sup>32</sup>.

Embora a lavagem de dinheiro seja utilizada pelo

<sup>30</sup> LILLEY, Peter. *Dirty Dealing: the untold truth about global money laundering, international crime and terrorism*. 3rd Ed. London: Kogan-Page, 2006. P. 140.

<sup>31</sup> Isto era ainda pior antes do 11/09 quando uma certa “transigência” era considerada como adequada em virtude do “crescimento econômico”.

<sup>32</sup> 112 milhões para Lilley em 2002; 136 milhões para Ehrenfeld em 2003; 200 milhões para Napoleoni em 2006.



terrorismo, devemos fazer uma importante distinção: o financiamento do terrorismo não é meramente lavagem de dinheiro. A última pode ser um dos métodos, mas não é o único. O crime organizado utiliza a lavagem de dinheiro para tornar limpos dinheiros sujos, oriundos do crime. O financiamento do terrorismo pode ter o sentido inverso: pode ser dinheiro limpo e legal, que irá se tornar sujo por conta de sua finalidade. Os Tigres Tamil do Sri Lanka, por exemplo, recebem doações dos imigrantes que vão para os EUA e Canadá. O caso do ataque em Londres é ainda mais estupefacente: eram cidadãos do país, alguns com empregos formais que usavam o dinheiro ganho para financiar os próprios ataques.

Uma grande preocupação é que boa parte dos recursos estão misturados; alguns legais e outros ilegais. Intrigada com tal situação, Loretta Napoleoni perguntou a um reconhecido economista britânico o que aconteceria se todo o dinheiro gerado pela economia ilegal, na época em que escreveu cerca de 1,5 trilhão de dólares, fosse subitamente retirado do sistema. A resposta do economista: “mergulharia a economia ocidental em uma profunda recessão”<sup>33</sup>.

Um trabalho mais recente de Ehrenfeld aponta para o estudo “World Economic Outlook” do Fundo Monetário Internacional, em que este afirma que o tamanho da economia mundial era de 65,174 trilhões em 2006, dos quais 3,25 trilhões consistiam em “fundos lavados”. As estimativas anteriores feitas para o montante de dinheiro lavado no mundo indicavam um percentual que variava entre dois e cinco por cento de toda a economia. Em 1999, este número era 1,8 trilhão<sup>34</sup>. Napoleoni afirma que as estimativas mais conservadoras para o crescimento da economia ilegal giravam em torno de 4% a 6% ao ano a partir de 2001<sup>35</sup>. Em resumo: nos últimos anos o que era ruim ficou pior.

Este cenário ainda fica mais sombrio se levarmos em conta as seguintes considerações adicionais: 1) Os

<sup>33</sup> NAPOLEONI, Loretta. *Terror incorporated*, p.227.

<sup>34</sup> EHRENFELD, Rachel. *Funding Evil: Funding Evil: How terrorism is financed and the nexus of the terrorism and criminal organizations*. In: COSTIGAN, Sean. S. & GOLD, David (Eds). *Terroronomics*. P.35.

<sup>35</sup> NAPOLEONI, Loretta. *The Evolution of Terrorist Financing Since 9/11*. In: COSTIGAN, Sean. S. & GOLD, David (Eds). *Terroronomics*. P.14.

bancos lavam a maior parte dos fundos, apesar dos programas “KYC” (Know Your Customer) – conheça seu cliente<sup>36</sup>. 2) Profissionais como contadores e advogados são frequentemente contratados para prestar serviços a traficantes, mafiosos e terroristas. Parte faz sem consciência, out+ra parte faz com pleno conhecimento do que andam a fazer. Pouquíssimos são os que enviam relatórios informando que podem estar ocorrendo tais tipos de atividades.

## 6. Conclusão com o Brasil

Qual a relevância destes temas para o nosso país? Em primeiro lugar, sabemos da forte presença do crime organizado no Brasil. Nosso sistema de segurança de fronteiras e vigilância territorial é ineficiente, além dos gravíssimos problemas de corrupção que arrasa diversos setores da sociedade, como a polícia, políticos e o judiciário. Some-se a isso um sistema financeiro bastante desenvolvido, e em alguns casos não transparente, juntamente com um sistema de combate à lavagem de dinheiro ineficaz. Ainda sofremos com uma legislação fraca, difíceis condições econômicas e uma total falta de respeito às leis<sup>37</sup>. O resultado é que nosso país é uma área atrativa para o desenvolvimento dos empreendimentos ilícitos, como alguns exemplos recentes confirmam.

Em toda a literatura especializada<sup>38</sup> encontramos referências à tríplice fronteira (Brasil – Paraguai - Argentina) como uma área onde se espalham empresas criminosas, além da existência de grupos terroristas que exploram as oportunidades da região. De acordo com um estudo da Rand Corporation, a área era em 2002 o maior centro de financiamento do terrorismo fora do Oriente Médio<sup>39</sup>.

<sup>36</sup> Para saber mais sobre instituições envolvidas nestes escândalos, ver Nick Kochan: *The Washing Machine*. Na obra o autor dedica o capítulo 2 inteiramente ao caso “BoNYgate” do Bank of New York. O Capítulo 9 trata de alguns casos, entre eles o do Citibank.

<sup>37</sup> LOMBARDI, John, L. & SANCHEZ, David, J. *Terrorist Financing and the Tri-Border Area of South America: The Challenge of Effective Governmental Response in a Permissive Environment*. In: GIRALDO, Jeanne & TRINKUNAS, Harold. (Eds). *Terrorism Financing and state responses: a comparative perspective*. Stanford: Stanford University Press, 2007.

<sup>38</sup> Literatura escrita em língua inglesa. Devemos notar que o Brasil sempre negou veementemente todas as acusações referentes aos problemas da fronteira com a Argentina e o Paraguai.

<sup>39</sup> RABASA, Angel ... [et al.], *Beyond Al-Qaeda Part 2: The Outer Rings of the Terrorist Universe*. Santa Mônica: RAND Corporation, 2006. P.153.

Jeffrey Robinson afirma que a área não é apenas o mercado negro mais importante do continente: é a terceira maior em volume de transações em dinheiro do mundo, atrás de Hong Kong e Miami. A indústria que é movimentada por falsificações, CDs piratas, contrabando, carros roubados, drogas, lavagem de dinheiro e armas gerava, em 2000, cerca de 14 bilhões de dólares por ano<sup>40</sup>. A prisão de Assad Ahmad Barakat, empresário da região que financiava o Hezbollah é o caso mais notório da presença do crime organizado, de grupos terroristas<sup>41</sup> e de empresas “legais” trabalhando em conjunto na região<sup>42</sup>.

Outro evento recente que chamou atenção foi o envolvimento da máfia russa, através de uma empresa de fachada comandada por um iraniano laranja, no esquema de lavagem de dinheiro no Sport Club Corinthians Paulista – com o total conhecimento da cúpula “corintiana”<sup>43</sup>.

O que dizer então da prisão de Juan Carlos Abadia, um dos traficantes mais procurados do mundo? Segundo uma reportagem, Abadia faturou por mês 70 milhões de dólares durante os três anos em que esteve operando em território nacional. Do Brasil, ele controlava dos estoques das drogas até os pagamentos feitos para subornar autoridades. Ainda de acordo com a mesma reportagem, no computador apreendido de Abadia foram encontrados programas que lhe permitiam monitorar até mesmo o posicionamento de

fragatas americanas, para que barcos cheios de cocaína não fossem pegos<sup>44</sup>.

Todavia, o que talvez seja o mais alarmante é que um dos comparsas de Abadia foi seqüestrado duas vezes no Brasil por policiais. Três delegados de polícia estão entre os acusados. Como opina o procurador-geral de Justiça do Estado de São Paulo, Rodrigo César Rebello Pinho:

*Não existe em nenhum lugar do mundo crime organizado sem a participação do estado. O que impressiona é a corrupção policial. É o envolvimento de agentes do estado em receber propina de perigosos traficantes que há muito já poderiam ter sido presos<sup>45</sup>.*

Os exemplos citados ao longo do texto poderiam apontar para diversas conclusões. Aqui, vou me conter a duas: a primeira é que a criminalidade transnacional com suas conexões com o terrorismo encontra facilidades para se expandir em nosso mundo globalizado, sendo uma ameaça que pode, como afirma o Prof. Adriano Moreira, desestabilizar os governos, afetar seus valores, perturbar o

funcionamento da economia, explorar viciosamente os avanços científicos e técnicos, paralisar o desenvolvimento e causar uma reação securitária que pode comprometer “os direitos, as liberdades e garantias do cidadão” (Moreira, 2002:287).

A segunda é que, infelizmente, o Brasil está muito exposto aos problemas da globalizada economia do caos.

<sup>40</sup> ROBINSON, Jeffrey. The Merger: the conglomeration of international organized crime. New York: The Overlook Press, 2000. P. 15.

<sup>41</sup> Já se sabia antes desse caso da presença do Hezbollah nesta área. Há fortes indícios de que os atentados que atingiram Buenos Aires em 1992 e 1994 foram perpetrados por esta organização, a partir da tríplice fronteira.

<sup>42</sup> Sanchez e Lombardi argumentam que alguns acadêmicos afirmam que talvez hoje a região não desempenhe mais o papel que tinha antes. Cidades como Iquique (Chile), Maicao (Colômbia), Ilha Margarita (Venezuela) e Colón (Panamá) possivelmente são áreas em que diversas atividades ilegais geram imensas quantidades de fundos, atraindo organizações terroristas para a região. Contudo, o processo de integração regional do MERCOSUL (outra característica da globalização, como sabemos, é a formação de blocos comerciais) facilita a movimentação de pessoas, produtos e de capital – o que pode beneficiar grupos que queiram explorar as oportunidades que daí resultam. Ver Sanchez e Lombardi, páginas 236 e 244.

<sup>43</sup> Sobre como é fácil lavar dinheiro no Brasil, ver: “As finanças de um megatraficante: Depoimentos de Juan Carlos Ramírez Abadía à Polícia Federal, obtidos com exclusividade pela DINHEIRO, revelam como é simples lavar dinheiro sujo no Brasil.” Disponível em <[http://www.terra.com.br/cgi-bin/index\\_frame/istoedinheiro/edicoes/520/artigo60751-1.htm](http://www.terra.com.br/cgi-bin/index_frame/istoedinheiro/edicoes/520/artigo60751-1.htm)>.

<sup>44</sup> “Documentos mostram como traficante colombiano agia no Brasil”. Disponível em <<http://g1.globo.com>>.

<sup>45</sup> Idem.

## 7. Referências

COSTIGAN, Sean. S, & GOLD, David (Eds). *Terrornomics*. Hampshire: Ashgate, 2007.

EHRENFELD, Rachel. *Funding Evil: how terrorism is financed – and how to stop it*. Chicago: Bonus Books, 2005.

FRIEDMAN, Thomas. *O Mundo é Plano: Uma breve história do século XXI*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GIRALDO, Jeanne & TRINKUNAS, Harold. (Eds). *Terrorism Financing and state responses: a comparative perspective*. Stanford: Stanford University Press, 2007.

JACKSON, Brian, A... [et al.]. *Aptitude for destruction: organizational learning in terrorist groups and its implications for combating terrorism*. Santa Barbara: RAND Corporation, 2005.

\_\_\_\_\_. *Aptitude for destruction vol. 2: Case studies in organizational learning in five terrorist groups*. Santa Barbara: RAND Corporation, 2005.

MOREIRA, Adriano. *Teoria das Relações Internacionais*. 4ª Ed. Coimbra, Almedina, 2002.

KOCHAN, Nick. *The Washing Machine: how money laundering and terrorist financing soils us*. Texere, 2005.

LILLEY, Peter. *Dirty Dealing: the untold truth about global money laundering, international crime and terrorism*. 3rd Ed. London: Kogan-Page, 2006.

NAPOLEONI, Loretta. *Terror Incorporated: tracing the dollars behind the terror networks*. Nova Iorque: Seven Stories Press, 2005.

RABASA, Angel ... [et al.], *Beyond Al-Qaeda Part 2: The Outer Rings of the Terrorist Universe*. Santa Mônica: RAND Corporation, 2006.

ROBINSON, Jeffrey. *The Merger: the conglomeration of international organized crime*. New York: The Overlook Press, 2000.